

NOMES DE DEUS
ANÁLISE DO TETRAGRAMA E DOS PRINCIPAIS NOMES DE
DEUS NA BÍBLIA
NAMES OF GOD
ANALYSIS OF THE TETRAGRAMMATON AND THE MAIN NAMES
OF GOD IN THE BIBLE

Luciano José Dias*

Recebido em: 04/08/2023

Aprovado em: 06/09/2023

DOI: 10.57147/espacos.v31i1.900

Resumo: Este artigo tem como objetivo realizar uma breve análise exegética da concepção judaico-cristã do tetragrama sagrado יהוה (YHWH) e dos principais nomes atribuídos a Deus na Bíblia, explorando seu significado dentro da fé monoteísta. A análise é conduzida a partir de uma perspectiva filológica, considerando as palavras originalmente compostas em hebraico. O artigo aborda a proibição de vocalização do Nome יהוה (YHWH) tanto para judeus como para cristãos, bem como a transcendência de Deus em relação ao mundo e Sua revelação ao longo da história da humanidade. Examina-se a progressiva revelação divina, manifestada através de diferentes nomes atribuídos a Deus, desde El, o Deus Forte, o Poderoso e o Onipotente, passando por Eloah, Elohim, Adonai. Iniciar-se-á nossa odisséia pelo tetragrama sagrado, frequentemente latinizado como Javé. Este é considerado o nome mais sagrado, não apenas descritivo, mas também um nome próprio, representando a verdadeira identidade de Deus. O texto destaca que o nome de Deus é revelado de forma dinâmica ao caminhar com o povo, em um processo contínuo de libertação.

Palavras-chave: Deus, Nome, Tradição.

Abstract: This article aims to conduct a brief exegetical analysis of the Jewish-Christian conception of the sacred tetragrammaton יהוה (YHWH) and the main names attributed to God in the Bible, exploring their meaning within monotheistic faith. The analysis is conducted from a philological perspective, considering the words originally composed in Hebrew. The article addresses the prohibition of vocalization of the Name יהוה (YHWH) for both Jews and Christians, as well as God's transcendence in relation to the world and His revelation throughout human history. The progressive divine revelation is examined, manifested through different names attributed to God, from El, the Mighty God, the Powerful, and the Omnipotent, passing through Eloah, Elohim, Adonai. Our odyssey will begin with the sacred tetragrammaton, often Latinized as Yahweh. This is considered the most sacred name, not only descriptive but also a proper name, representing the true identity of God. The text highlights that the name of God is dynamically revealed as He walks with the people, in an ongoing process of liberation.

Keywords: God, Name, Tradition.

* Doutorando em Teologia pela PUC-SP, Mestre em Teologia Bíblica pela PUC-SP. Pós gradado em práticas pedagógicas de ensino religioso e cultura judaico-cristã pelo Centro cristão de estudos judaicos em parceria com a Faculdade Assunção. Bacharel em Teologia pela Faculdade Metodista de São Paulo. Membro do Grupo de Pesquisa TIAT. E-mail: lucianojdias@gmail.com ORCID: 0000-0001-8077-4636. ID Lattes: 421103195927.

Introdução

Quem é Deus? Qual seu nome? Tem perguntado durante tantos séculos nossa tradição ocidental, e elencado suas respostas na tentativa de compreender e explicar as profundezas do Eterno. Os homens da Bíblia tinham uma forma completamente diferente da nossa para falar de seu Deus. Eles não o chamavam apenas por certo nome que o definisse, mas, quando falavam dele, narravam, sobretudo, situações da vida, nas quais tinham percebido quem ele era e como ele os transformava ou queria transformá-los (METTINGER, 2015, 28-36).

Na tradição bíblica, falar de Deus, significa nomear situações humanas, para que se possa ver e acreditar em Deus agindo dentro da história. Sendo assim, a situação original, em que os homens bíblicos perceberam quem é o seu Deus, foi o caminho. O caminho de um para o outro e de um com o outro. Caminho no qual, humanidade e divindade trilharam juntos. Desta forma, os homens foram nomeando a Deus de acordo com cada experiência histórica vivida (ZENGER, 1989, 11).

Podemos observar que ao longo da narrativa bíblica, o povo de Israel vai aprendendo a identificar diferentes aspectos e características de Deus através dos eventos e experiências que vivenciam. Essas experiências moldam a compreensão do povo sobre quem Deus é e como Ele age em suas vidas. Alguns exemplos desse processo de aprendizado e descoberta incluem:

1. Libertação no Egito: Através do êxodo do Egito, o povo de Israel experimenta a ação libertadora de Deus. Eles testemunham milagres como as pragas e a abertura do Mar Vermelho, o que os leva a reconhecer a Deus como aquele que os liberta da opressão e escravidão (Ex 7,1-14,31).

2. Provisão no deserto: Durante a jornada pelo deserto, o povo de Israel experimenta a provisão de Deus através do maná, água da rocha e proteção contra seus inimigos. Essas experiências os levam a ver Deus como aquele que cuida e sustenta sua vida, mesmo em circunstâncias difíceis (Ex 16,1-17,16).

3. Luta na conquista da terra prometida: Ao entrar na terra prometida, o povo de Israel enfrenta desafios e batalhas. Nesses momentos, eles reconhecem Deus como um guerreiro que luta ao seu lado e concede vitória sobre seus inimigos (Ex 14,14; 15,3; Dt 20,4; Js 10,42; Sl 144,1).

4. Exílio e restauração: Após a derrota e exílio na Babilônia, o povo de Israel experimenta a disciplina e o castigo de Deus. No entanto, eles também aprendem que Deus os acompanha mesmo em sua dor e sofrimento, e que há esperança de restauração e salvação futura (Jr 25,11-12; Is 40,1-2; Lm 1,8; Sl 34,18; 147,3; Is 41,10; 43,2).

Essas experiências ao longo da história de Israel moldam sua compreensão de Deus como um ser ativo, envolvido e presente em suas vidas. Elas revelam diferentes aspectos da natureza divina, como libertador, provedor, guerreiro, disciplinador e salvador. Através dessas experiências, o povo de Israel vai amadurecendo sua fé e desenvolvendo um relacionamento mais profundo com Deus (METTINGER, 2015, 23-27).

É exatamente aí, que encontramos os diversos conceitos e ideias referente aos nomes de Deus, presentes na Bíblia hebraica, considerada Sagrada, tanto para judeus como para cristãos. São várias concepções criadas a partir da crença na atuação da divindade na vida de um indivíduo ou grupo, evidenciadas desde a antiguidade, inseridas na literatura bíblica.

Por meio de uma análise bíblica filológica¹, percebemos que o povo de Israel, assim como os demais ao seu redor, foi aprendendo sobre seu Deus ao longo de sua história, da mesma forma como continuamos a aprender até hoje. A experiência do Sagrado sempre levará em conta o contexto em que o ser humano está inserido, a bagagem cultural que traz consigo, tal como os conflitos que lhe cerca, por isso, a compreensão que temos de Deus, está intrinsecamente ligada à compreensão que o ser humano tem de si mesmo e das realidades que o cerca e absorve, lembrando que, essa compreensão, nunca é absoluta, é sempre relativa.

No decorrer desse estudo, apresentar-se-á a quantidade de ocorrências, que pode ser verificada na Bíblia hebraica, dos nomes mais significativos, atribuídos a Deus, pelos escritores Sagrados e suas nuances. Contudo, não está presente aqui, nenhuma

¹ Estudo de uma língua através de seus documentos escritos, que visa não só à restauração, fixação e crítica dos textos para o conhecimento do uso linguístico e sua história, mas também à compreensão de globalidade dos fenômenos culturais, especialmente os de ordem literária, a que ela serve de veículo. A filologia é o estudo da linguagem em fontes históricas escritas, incluindo literatura, história e linguística. É mais comumente definida como o estudo de textos literários e registros escritos, o estabelecimento de sua autenticidade e sua forma original, e a determinação do seu significado.

pretensão de exibir um tratado sobre os nomes de Deus na Bíblia, ou mesmo de exaurir toda sua temática. Espera-se, contudo, poder ajudar tanto ao leitor mais erudito, quanto àquele que inicia sua caminhada de pesquisa Bíblica, deparando-se com tantos nomes atribuídos a um único Deus. A possibilidade de maior desenvoltura na temática, pode ser alcançada acompanhando a Bibliografia final.

Far-se-á primeiramente, uma busca inicial da milenar tradição judaica, consultando o que ela pode nos dizer sobre os nomes de Deus. Essa tradição é rica em ensinamentos e interpretações sobre os nomes de Deus presentes na Bíblia. Seus nomes, têm um significado profundo e são considerados sagrados no judaísmo. Obviamente, os judeus conheciam os vários nomes atribuídos a Deus, de modo que a questão não pode ser entendida literalmente. Deus tem muitos nomes, cada um dos quais representa o modo como ele se revela através de seu comportamento em relação ao mundo (SCHERMAN, 2006, 304).

1. O tetragrama יהוה

Voltemos, inicialmente nosso olhar, sobre o tetragrama sagrado, fazendo, já de início saber que, embora haja várias interpretações e tradições no tocante a ele, a afirmação de que o nome Yahweh, representado pelas letras hebraicas “*yod-rei-vav-rei*” (יהוה), está associado à compaixão, é um entendimento comum, ou seja, quando Deus age no mundo de forma misericordiosa, seu nome carrega o Tetragrama Sagrado, sinal de sua compaixão (HADDAD, 2017, 52-53).

Esse é o nome divino mais conhecido e reverenciado no judaísmo. O nome Yahweh é considerado tão sagrado que, tradicionalmente, os judeus evitam pronunciar-lo. Em vez disso, usam substitutos como “*Adonai*” (SENHOR) ao ler as Escrituras. Este nome também representa a eternidade de Deus, por isso é composto com as letras que se escrevem: (haya, howé, yihie - יהוה יהוה יהוה), “*Ele foi, Ele é, Ele será*” (SCHERMAN, 2006, 304).

O Tetragrama é o mais santo dos nomes, não apenas um nome descritivo; é um nome próprio, pois é o nome real de Deus, e é conhecido como “*Shem Há-Meforash*”, ou o “*nome inefável*” (SCHERMAN, 2006, 304).

Traduzido como SENHOR, escrito com maiúsculas, é o nome próprio que mais aparece nos textos da Bíblia Hebraica. O número total de presenças do tetragrama é de

seis mil e sete vezes (6007) segundo Bible Works. Além disso, ainda existe a presença do nome do Deus de Israel de forma abreviada, grafado com apenas as duas primeiras letras (yah-יה), verificado quarenta e seis (46) presenças dessa forma abreviada do tetragrama na Bíblia Hebraica, sendo que quarenta e uma estão no livro dos Salmos (BARROS, 2014, 14).

Na versão da antiga tradução grega da *Bíblia Hebraica*, chamada de *Septuaginta* ou, traduzido para o português, de “*Setenta*”, com a abreviação LXX, o tetragrama (יהוה) também é sempre traduzido como SENHOR, sendo que tal palavra ocorre seis mil cento e cinquenta e seis vezes (KITTEL, 1998, 1392).

A que corresponde este Tetragrama? Trata-se de uma construção híbrida a partir do verbo Howé (הוה) ‘*Ser*’ na terceira pessoa do singular e declinado nos três tempos, passado, presente, futuro, seja: haya, howé, yihie (יהיה יהוה יהיה), “*Ele era, Ele é, Ele será*”.

O Tetragrama redireciona então à eternidade do ser divino, de onde temos a tradução “*O Eterno*” nas Bíblias hebraicas. Mas ocorre que dado o fato de sua santidade, este nome jamais é lido como tal, nas suas ocorrências, passou a ser usado o subterfugio de substituir sua leitura por “*Adonai*”, “*Meu Senhor*”, daí a tradução ‘SENHOR’ na maioria das Bíblias cristãs. Para ser mais preciso, as vogais colocadas pelos Massoretas² no Tetragrama são aquelas do nome Adonai³, seja: A – O – A, donde a possibilidade de ler *Yahowa* que dá *Yahvé* ou *Jehovah*, mas a tradição judaica, por respeito, se recusa, a ler o Nome assim (HADDAD, 2017, 52-53).

Por se tratar do nome próprio de Deus, essa recusa de pronuncia-lo, foi se estabelecendo progressivamente até se tornar uma proibição. Na *Mishná*, – compilação de interpretações rabínicas desde os séculos I e II da era cristã – encontra-se a ideia de que o sumo sacerdote, no dia do Grande Perdão (Yom Kipur), pode, no *Santo dos Santos* do templo, pronunciar o nome divino (tradado Yóma 6,2), o que talvez reflita uma prática dos últimos decênios da existência do templo de Jerusalém, antes da sua

² Entre a conclusão do talmud, no VI e IX século, as escolas rabínicas codificaram a leitura oficial da Bíblia, criando, notadamente, a vocalização.

³ Raramente as vogais de Elohim.

destruição em 70. Entre os samaritanos, existe uma tradição segundo a qual o sumo sacerdote transmite a pronúncia secretamente ao seu sucessor (ROSEL, 2000, 5-8)⁴.

Em face do nome divino, os massoretas se encontravam diante de um problema. Eles não podiam alterar as consoantes Yahweh, pois o texto consonântico era considerado como sagrado e intocável. Ao mesmo tempo, não podiam introduzir as vogais que permitiriam pronunciar o nome divino, o que teria sido contrário à opção teológica do judaísmo. Por isso inventaram uma distinção entre o *Ketib*, – “o que está escrito” e o *Qerê* – “o que se deve ler”. Fazendo assim, aplicaram ao tetragrama Yahweh as vogais de Adonai, “meu Senhor”, indicando dessa maneira que era preciso pronunciar “Adonai” na leitura do nome Yahweh, que se poderia representar por Yahweh⁵, segundo os manuscritos. Essa substituição corresponde à substituição de “Yahweh” por “Kýrios” (“SENHOR”) na Bíblia grega (ROMER, 2014, 35).

A tentativa errônea que resultou de se pronunciar Yahweh, utilizando as vogais de substituição de *Adonai*, combinadas pelos massoretas com o tetragrama, produziu uma pronúncia que o dominicano Raimundo Marti, no século XIII, expressou como *yeh* ‘o’ *wah*. Essa forma se difundiu enormemente em certas traduções bíblicas até as “Testemunhas de Jeová” (ROMER, 2014, 36).

Após o problema da substituição de Yahweh por “O SENHOR”, coloca-se agora a questão da significação. Para determiná-las, podemos partir da única narrativa bíblica que contém uma espécie de explicação do nome divino. Trata-se do episódio da vocação de Moisés, no terceiro capítulo do livro do Êxodo 3,11-16. Segundo esse texto, Moisés é chamado por Yahweh quando estava apascentando o rebanho de seu sogro, Jetro, um sacerdote. Yahweh lhe diz que retorne ao Egito, donde ele tinha fugido, para anunciar aos hebreus a sua libertação e sua partida para uma terra onde correm leite e mel. Moisés responde, primeiro, que não está à altura de realizar tal tarefa, mas Yahweh lhe

⁴ Martin ROSEL, *Adonaj: warum Gott “Her” genannt wird*, Tübingen, Mohr Siebeck, 2000, 5-8, citado por ROMER, 2014, 4.

⁵ O *e* corresponde ao fato de o primeiro *a* de Adonai ser precedido de um *shewa* indicando um espírito (no sentido fonético, como um espírito doce em grego: uma pequena parada da glote antes do *a*). Em certos manuscritos, contenta-se com vocalizar a primeira e a última vogal (*e-a*), enquanto em outros se acrescenta também o *o*.

promete sua ajuda – “Eu estarei contigo/eu estou contigo”.⁶ Em seguida, Moisés coloca a questão da identidade do deus que lhe fala:

Moisés disse a Deus (elohim): “Quem sou eu para ir ao faraó e fazer sair do Egito os filhos de Israel? Deus disse: “Eu estarei contigo/eu estou contigo (ehyeh ‘immak), e este será o sinal de que eu te envie: quando fizeres o povo sair do Egito, vós servireis a Deus nesta montanha”. E Moisés disse a Deus: “Quando eu for aos filhos de Israel e disser: ‘O Deus de vossos pais me enviou até vós, e me perguntarem: ‘Qual é o seu nome? que direi?’” Disse Deus a Moisés: “*Eu serei o que serei/eu sou aquele que é/eu sou aquele que sou* (ehyeh asher ehveh)”. Disse mais: “Assim dirás aos filhos de Israel: ‘*Eu serei me enviou a vós*’. Disse Deus ainda a Moisés: “Falarás assim aos filhos de Israel: ‘o deus de vossos pais, o deus de Abraão, o deus de Isaac e o deus de Jacó me enviou a vós.’ Esse é o meu nome para sempre, é assim que me invocarão de geração em geração”. “Vai, reúne os anciãos de Israel e dize-lhes: ‘Yhwh, o deus de vossos pais, me apareceu, o deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, dizendo: Tenho realmente prestado atenção em vocês e ao que lhes é feito no Egito” (CNBB, 2006).

Segundo Romer, citando Martin Buber, à primeira vista, pode-se compreender a “explicação” do nome como uma recusa de revelação, algo como: “Eu sou quem sou, isso não é da sua conta”; entretanto, nos versículos seguintes, essa explicação é posta em relação com o nome de Yahweh. A expressão *ehyeh asher ehveh* contém dois jogos de palavras. O *ehyeh* faz, primeiro, eco à promessa de assistência do versículo 12: *ehyeh immak*; “*Eu estarei*” é primeiro aquele “*que está com*”, que promete assistência. Em seguida, *ehyeh* remete sem dúvida também à pronúncia do nome Yhwh, que deveria, retomando nossas observações sobre a primeira sílaba, para o autor do Êxodo 3, ser pronunciado “Yahweh” (Javé ou Iavé). (ROMER, 2014, 37).

O ouvinte-leitor, ao escutar o nome de Deus, é convidado a lembrar-se do verbo Ser ou Estar (יהוה). Mais especialmente, deve se lembrar da definição do nome de Deus conforme Ex 3,14: *Sou quem sou*. Todavia, aqui é importante mencionar que o verbo *ser*, em hebraico, indica uma relação (“ser para”), diferentemente da cultura grega, na qual o verbo *ser* insiste na ideia de essência (“ser em si”). Nesse sentido, a expressão - *Sou quem sou* traz consigo a ideia de o SENHOR ser aquele que se faz presente na história de seu povo, no sentido de assumir uma relação com este último. Ou seja, trata-se da promessa de o SENHOR estar com o seu povo, fazendo-lhe companhia em seu

⁶ O hebraico bíblico não permite fazer distinção clara entre o presente e o futuro.

caminho rumo à liberdade.⁷ A narração do nome de Deus evidencia, portanto, que a identidade de Deus se adequa à medida em que interage com outros personagens, fazendo coisas que jamais havia feito. Assim, Yahweh não só é o que é, como também, em certo sentido, é o que chega a ser. Saber quem é Yahweh é o processo dinâmico de ir descobrindo-o à medida em que ele se revela (LÓPEZ, 2009, 53).

2. O nome El – אֱלֹהִים

Avançando na tradição judaica, nos deparamos com o nome “El” (אֱלֹהִים), que é um dos nomes divinos usados para se referir a Deus. “El” é uma palavra hebraica que significa “Deus” ou “Poderoso”. É um termo genérico que pode ser aplicado a diferentes deidades ou seres divinos, mas quando usado em relação ao Deus do judaísmo, está associado ao conceito de um Deus supremo, único e todo-poderoso. O nome *El* aparece muito frequentemente nas narrativas patriarcais do Gênesis, nos capítulos 12-50, onde a sua frequência é a mais alta nos livros que vão do Gênesis aos Reis:⁸ 1.06 ocorrências em cada 1000 palavras (ROMER, 2014, 82).⁹ Na Bíblia hebraica Stuttgartensia (BHS), o nome *El*, é contabilizado quatro mil trezentas e sessenta e nove vezes (HADDAD, 2017, 48).

Segundo a sua etimologia, *El*, escrito com as letras א “alef” e ל “lamed” designa uma potência, uma força, como encontramos em Gn 31,29, quando Labão diz a Jacó: “Há na força de minha mão [a possibilidade] de fazer-te mal...”¹⁰. Do mesmo modo, encontramos no Salmo 89,5: “Eu sou como um homem sem força” (HADDAD, 2017, 48). *El* se encontra em “Ail” (אֵילִם) ‘Carneiro’, um poder masculino no meio das ovelhas, pois é reservado para a reprodução¹¹. Dado que toda força se orienta para um fim, “El” (אֱלֹהִים) significa também - ‘para, em direção de’ (GUSSO, 2005, 248).

Aplicado então a Deus, *El* designa o Forte, o Poderoso, o Onipotente (GUSSO, 2005, 248). É muito provável que este nome tenha sido um empréstimo das religiões

⁷ No que se refere ao tetragrama, também pode-se ver as explicações mais extensas em HARRIS; ARCHER; WALTKE, Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento, 345-348.

⁸ Segundo ROMER, estes livros que são religados entre eles pela mesma trama narrativa são muitas vezes designados como “Eneateuco”.

⁹ Esta estatística não diferencia as ocorrências de El como nome próprio das que utilizam el como nome genérico.

¹⁰ Segundo Onkelos, Rashi (1040 – 1105) e de Abraham ibn Ezra (1089 – 1164).

¹¹ Entre os Egípcios, o carneiro simboliza o deus Amon e a água poderosa do Nilo.

pré-bíblicas, pois na etimologia ugarítica¹², a primeira divindade se denomina *El*, que será suplantado por seu filho Baal (HADDAD, 2017, 48).

El designa igualmente a divindade Cananéia primordial, pai da humanidade¹³. Na Torá, se encontra uma alusão a este *El* cananeu na boca de Melquisedec, rei de Salem (Jerusalém) e “sumo sacerdote do Ele altíssimo, *El-Elion*” (Gn 14,18). O Deus supremo, o Deus dos deuses.

Nós encontramos igualmente o par *El-Olam* (Gn 21,33), o ‘Deus eterno’¹⁴. *El* pode ser associado a um lugar, como *El-Betel* ‘o Deus de Betel’ (Gn 35,7) ou uma aliança *El-Berit* (Jz 9,46). Em Gn 33,20, *El* designa o Deus poderoso que salvou o patriarca de Israel; e em Nm 12,13, é através da invocação deste nome que Moisés pede a cura de sua irmã Miriam. *El* entra igualmente na construção dos nomes teóforos bíblicos, seja no fim do nome: *Israel, Emmanuel, Ezequiel, Daniel, Malkiel*, etc.; seja no início do nome como *Eliezer, Eliahu, Elitsur*, etc...

O nome Israel, tendo o sufixo “*El*”, significando “que *El* reine”, “que *El* seja mestre”, indica que uma divindade do tipo *El*, precedendo a de Yahweh, se reflete parcialmente na história patriarcal e, especialmente, na de Jacó que, lutando com “deus” e mudado de nome, se torna “Israel” (ROMER, 2016, 82).

Assim, segundo o capítulo 33,20 do Gênesis, Jacó erige, perto de Siquém, um altar para *El*, o deus de Israel, aparentemente para marcar seu território. Se por trás da tradição de Jacó se encontram lembranças de clãs da época do fim do segundo milênio antes de nossa era, pode-se, com efeito, imaginar que esses “filhos de Jacó” tenham venerado uma ou várias manifestações da divindade *El*. A expressão “*El, deus de Israel*” pode estar fundada numa tradição antiga. A maior parte das passagens do livro de Gênesis e de outros livros bíblicos que mencionam diferentes tipos de manifestações de *El* encontram-se sempre em textos recentes e pressupõem que os leitores compreendam “*El*” como equivalente a Deus, e mesmo a “Yahweh”. Isso não exclui que esses textos conservem o traço da veneração do grande deus *El* (ROMER, 2016, 82).

¹² Cidade de Ugarit na Síria descoberta em 1928 e datado de dois milênios antes da era cristã.

¹³ De fato, a Bíblia recupera os nomes de divindades próximo-orientais, as dessacraliza do panteão politeísta, depois as santifica atribuindo-as ao Deus um. Pode-se falar de uma ‘dissimulação’ do politeísmo ao monoteísmo.

¹⁴ Na Bíblia, *Olam* designa o tempo e não o espaço, como mais tarde na tradição judaica.

3. O nome Eloah – אלה

Indo adiante na busca pelos nomes empregados a Deus, encontramos o nome “*Eloah*” (אלה), também usado na tradição judaica. É uma forma singular de “*Elohim*” (אלוהים), que é um termo comum para Deus no Antigo Testamento. A palavra *Eloah* está relacionada a “*El*” (אל), que vimos acima e é usada para se referir a Deus como um ser supremo e divino. *Eloah* é a forma aberta de *El* e, aparece quarenta e nove vezes na Bíblia. Trata-se de um nome que enfatiza a singularidade e a transcendência de Deus, geralmente esse nome é usado em contextos em que se deseja enfatizar a natureza pessoal e íntima de Deus. É um nome que ressalta a relação de Deus com o indivíduo e a capacidade de Deus de agir de forma pessoal na vida de cada pessoa. Uma discussão há entre os especialistas a fim de saber se *Eloah* está na origem do plural *Elohim* ou se *Elohim* está na origem do singular *Eloah* (HADDAD, 2017, 49).

Embora *Eloah* seja menos comumente utilizado em comparação com o termo *Elohim*, ele aparece em várias passagens bíblicas, especialmente nos livros poéticos e nos salmos. Encontra-se *Eloah* no cântico de Moisés (Dt 32,17): “Eles sacrificam aos demônios que não são Deus (*Eloah*)”. Ver igualmente Isaías 44,8 ou Salmo 18,32. Enfim, os nomes *El* ou *Eloah* se encontram também no árabe “*Allah*” para designar Deus (HADDAD, 2017, 49).

4. O nome Elohim – אלוהים

Chegamos agora, ao termo “*Elohim*” (אלוהים), um dos nomes mais comuns usados na Bíblia hebraica para se referir a Deus. Ele ocorre com frequência ao longo de todo o Antigo Testamento, incluindo no livro de Jó. “*Elohim*” é um termo plural em hebraico, que indica grandeza, majestade e poder. No entanto, quando se refere ao Deus do judaísmo, é usado com um verbo singular, indicando a unidade de Deus. *Elohim* é o masculino plural de *El* e de *Eloah*, aparece seiscentas e oitenta vezes na Bíblia Hebraica. *Elohim* designa Deus, a divindade, a deidade, deuses ou singular Deus (GUSSO, 2005, 248).

Nahmanides, também conhecido como *Ramban*, foi um renomado comentarista bíblico e rabino do século XIII. Em seu comentário sobre a Torá, ele aborda várias passagens, incluindo Gênesis 1,1. Ele trata a questão do plural “*Elohim*” em seu comentário, e oferece uma explicação teológica para o uso do plural ao se referir a Deus. Ele afirma que o

plural “*Elohim*” indica a grandeza e a majestade de Deus. Ele argumenta que o plural não se refere a uma pluralidade de deuses, mas sim a uma expressão de excelência, grandiosidade e poder divino. Segundo Nahmanides, o uso do plural enfatiza a magnitude e a transcendência de Deus (SCHERMAN, 2006, 2-3).

Ele também sugere que o plural “*Elohim*” pode aludir a uma realidade composta dentro da própria natureza de Deus. Ele propõe que o plural pode indicar a presença de múltiplos atributos divinos, como misericórdia, justiça, sabedoria, entre outros, que coexistem em harmonia na essência divina. Enfatiza que, embora “*Elohim*” seja um plural gramaticalmente, deve ser interpretado no contexto da unicidade e da singularidade de Deus na fé judaica. Ele rejeita qualquer interpretação politeísta e defende a crença em um único Deus supremo.

Essa explicação de Nahmanides sobre o plural “*Elohim*” reflete sua compreensão teológica e sua tentativa de conciliar a linguagem utilizada na Bíblia com a unidade e singularidade de Deus no judaísmo. (SCHERMAN, 2006, 3).

Na tradição oral (Talmud, Midrash, Cabala), o nome *Elohim* se refere ou ao Deus da natureza, o imanente, ou ao seu atributo de justiça (*midat hadin*), o que se corresponde, pois, a natureza segue seu curso segundo as leis fixadas desde a origem. Muitos comentaristas colocam um paralelismo entre as dez palavras do começo (“*Elohim* disse”) e o Decálogo inaugurado por: “*Elohim* pronunciou todas estas palavras” (Ex 20,1). O Deus que estabelece as leis da natureza revela leis para os homens. Enquanto que no primeiro caso, elas se impõem ao mundo físico e àquele do ser vivo, sem nenhuma negociação; no segundo, elas responsabilizam o homem para que escolha entre o bem e o mal, pelo exercício de seu livre arbítrio (HADDAD, 2017, 51).

5. O nome Adonai – אדני

Indo adiante, chegamos ao termo “*Adonai*” (אדני), outro nome de Deus encontrado na tradição judaica e nas escrituras hebraicas. É uma forma reverente de se referir a Deus e é frequentemente traduzido como “SENHOR” nas versões em português da Bíblia. É também usado para expressar reconhecimento da soberania divina. Ele enfatiza o senhorio e a autoridade de Deus sobre todas as coisas. Esse nome é frequentemente utilizado em orações, adoração e momentos de invocação a Deus.

No judaísmo, o nome “Adonai” é considerado sagrado e muitas vezes substituiu-se o uso do nome divino “Yahweh” para evitar qualquer forma de profanação. É uma maneira de expressar respeito e reverência a Deus (HADDAD, 2017, 48).

Da raiz *Adon* ‘Mestre, Senhor’; Adonai pode também significar ‘*meus Mestres, meus Senhores*’ e aparece na Bíblia hebraica Stuttgartensia seiscentas e uma vezes.

Esta forma plural pode designar uma só pessoa que exerce uma autoridade ou que inspira respeito. Por exemplo, Abraão se dirigindo a um dos mensageiros de Deus, lhe diz: “Meu Senhor [Meus Senhores Adonai], eu te peço, se encontrei graça a teus olhos, não passes junto de teu servo sem te deteres” (Gn 18,3). Ou então Putifar, o mestre de José: “E seu mestre [seus mestres, Adonai] viu que o Yahweh estava com ele” (Gn 39,3).

A primeira ocorrência do nome Adonai designando Deus se encontra na boca de Abraão: “Meu Senhor [meus Senhores] Yahweh, que me darás Tu, continuo sem posteridade...” (Gn 15,2). Às vezes Adonai é empregado só para designar Deus, o senhor do mundo, (por ex., Is 6,1; Ez 18,25; Am 7,8; Sl 38,10), com maior frequência em par com o Tetragrama (Jr 1,6; Ez 46,1; Sf 1,7). (HADDAD, 2017, 47-48).

6. O nome Ehye – אהיה

Indo adiante, nos deparamos com o nome “Ehye” (אהיה), e a revelação deste nome se encontra no coração da sarça ardente, no momento do anúncio da saída do Egito e, aparece quarenta e três vezes na Bíblia Hebraica. É uma forma do verbo hebraico “*ser*” ou “*existir*” conjugado na primeira pessoa do singular. Ele é usado na Bíblia hebraica em Êxodo 3,14, quando Deus se revela a Moisés na sarça ardente. A passagem diz: “Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós”.

Moisés acaba de receber a sua primeira visão profética e Deus ordena que vá ao faraó a fim de lhe pedir a libertação dos Hebreus. Moisés expressa algumas reticências, principalmente: “Certo, eu vou aos filhos de Israel e lhes direi: ‘o Deus de vossos pais me envia a vós’. Se eles me disserem: qual é o seu nome? Que lhes direi? “E Deus responde: “Ehye Asher Ehye”. Muitas traduções aqui são propostas: “*Eu serei o que Eu*

serei” ou “*Eu sou o que sou*” (um futuro permanente)¹⁵, e acrescenta: “assim tu dirás aos filhos de Israel Ehye me enviou a vós” (Ex 3,13-14). Como o Talmud entende este nome? Através de um diálogo entre Deus e Moisés.

Eu serei o que serei: Isto significa Eu serei (estarei) com eles na sua atual aflição e Eu serei (estarei) com eles em suas outras aflições (sob outros impérios). Moisés respondeu: “Senhor do mundo por que é preciso que eu lhes fale de outros sofrimentos? A cada dia basta o seu fardo”¹⁶. Deus responde: “Tu falaste bem! Eu serei (estarei) com eles na aflição atual me enviou a vós. (TB Berakot 9b).

Este comentário de tipo midráshico¹⁷ justifica assim a dupla expressão do início do versículo e a forma simples do fim e, ao mesmo tempo, dá ao nome divino uma dimensão histórica. Não se trata mais só do Deus na natureza, mas do Deus na história (HADDAD, 2017, 52).

Saadia Gaon¹⁸ e, após ele, Maimônides se inscreve num contexto mais filosófico. Eis o comentário de Saadia Gaon: “Eu serei quem eu serei: Eu sou o Anterior e o Presente cuja existência se impõe pela essência e que não conhece fim em Sua existência”. (Comentário sobre a Torá). Maimônides: “O ser que é o Ser, isto é o Ser necessário” (Guia 1,63). Aqui estes dois exegetas querem apresentar a alteridade radical de Deus e sua eternidade. Para todo existente, é possível dizer: “poderia não ser”. O único Ser do qual não se poderia dizer isso é, Deus. Maimônides prosseguirá nesta lógica através de sua teoria dos atributos negativos “não se pode dizer de Deus o que Ele não é” (HADDAD, 2017, 52).

A corrente midráshica e a corrente filosófica constituirão as duas grandes vias interpretativas do judaísmo. Entretanto, não é por este nome, *Ehye Asher Ehye*, que Deus será mencionado, mas pelo Tetragrama que já fora trabalhado anteriormente.

Esse nome divino é muitas vezes traduzido como “*Eu Sou*” ou “*Eu Serei*”, expressando a auto existência e eternidade de Deus. Ele transmite a ideia de que Deus é aquele que existe por si mesmo, que não depende de nada nem de ninguém para sua existência. Também sugere a continuidade e fidelidade de Deus ao longo do tempo. O

¹⁵ A Bíblia do Rabinato: “Eu sou o Ser invariável”. A TEB: “Eu sou o que serei” (nesta tradução Deus anuncia Jesus). NBS: “Eu serei o que Eu serei”. La Colombe: “Eu sou aquele que sou”. D. de la Maisonneuve: “Eu serei o que serei” em *A Tora vem dos céus*, Ed. Parole e silence.

¹⁶ Jesus empregará a fórmula que os tradutores traduziram por: “A cada dia basta o seu fardo”.

¹⁷ Ele toma por pretexto um versículo a fim de oferecer um prolongamento exegético, aqui um diálogo.

¹⁸ Mestre babilônico (882 – 942).

nome *Ehye* (אֵהִי) é uma forma singular e pessoal de se referir a Deus, e tem sido interpretado como uma expressão da presença divina, do relacionamento íntimo e pessoal entre Deus e Seu povo. Ele destaca a proximidade e o compromisso de Deus em cuidar e guiar aqueles que o seguem.

A compreensão do nome *Ehye* (אֵהִי) e seu significado mais profundo está sujeita a diferentes interpretações e reflexões teológicas, e tem sido objeto de estudo e contemplação dentro da tradição judaica e nas discussões sobre a natureza de Deus (METTINGER, 2015, 59-64).

Chegamos ao final de nossa odisseia pelos nomes de Deus na Bíblia, como informado no início, não havia pretensão de exaurir toda a temática, nem apresentar todos os nomes atribuídos a Deus, mas olhar com mais atenção para os de maior relevância. Sendo assim, passemos para as considerações finais.

Considerações finais

A presença de múltiplos nomes divinos na Bíblia reflete a riqueza e complexidade da relação entre Deus e a humanidade, assim como a diversidade de experiências e compreensões teológicas presentes nas diferentes épocas e contextos em que os textos foram escritos.

Os nomes divinos na Bíblia servem a diversos propósitos. Eles podem descrever características e atributos de Deus, revelar aspectos específicos de sua natureza, expressar relacionamentos particulares com seu povo ou transmitir uma mensagem teológica mais ampla.

É importante destacar que esses nomes não devem ser vistos como nomes de diferentes deuses, mas sim como diferentes formas de se referir ao mesmo Deus. Cada nome enfatiza um aspecto ou uma perspectiva particular de Deus, mas todos apontam para a unidade e singularidade de Sua essência divina.

Essa multiplicidade de nomes também reflete a capacidade humana limitada de compreender plenamente a grandeza e a profundidade de Deus. Cada nome divino oferece uma janela para se aproximar de Deus a partir de uma perspectiva específica, mas nenhum nome é capaz de abarcar completamente a totalidade do ser divino.

Portanto, ao nos depararmos com os diferentes nomes divinos na Bíblia, podemos interpretá-los como expressões da riqueza e da diversidade da relação entre

Deus e a humanidade, bem como um convite para explorarmos e aprofundarmos nosso conhecimento e relacionamento com o Deus que se revela através de vários aspectos e dimensões. Cada nome nos convida a uma busca contínua para compreender e experimentar mais plenamente a presença e a ação de Deus em nossas vidas.

Essas observações estão alinhadas com uma perspectiva teológica e hermenêutica comum ao estudar as narrativas bíblicas. Através dessas narrativas, podemos observar o desenvolvimento da compreensão e da relação do povo de Israel com Deus ao longo do tempo.

À medida que o povo de Israel vivenciava diversos eventos históricos e experiências pessoais, eles buscavam compreender e interpretar essas situações à luz de sua fé e relacionamento com Deus. Ao atribuir nomes e características a Deus com base em suas experiências, eles expressavam sua percepção da ação divina em suas vidas.

Através dessas narrativas, vemos que Deus é descrito como o libertador, aquele que age poderosamente para libertar o povo da opressão e da escravidão, como o criador do mundo, como o provedor de orientação e proteção, entre outros aspectos. À medida que essas histórias foram sendo transmitidas e registradas, os diferentes nomes e títulos dados a Deus foram se consolidando em uma compreensão mais abrangente do Deus único e supremo.

Essa evolução teológica e compreensão progressiva de Deus como libertador, criador e redentor está presente nas narrativas bíblicas e reflete a experiência e a fé do povo de Israel ao longo dos séculos. É um processo contínuo de revelação e compreensão, no qual o povo vai gradualmente desvendando aspectos mais profundos e abrangentes do caráter e da natureza de Deus.

Ao escutar e caminhar em obediência, o povo de Israel e, por extensão, todos nós, podemos aprender e conhecer cada vez mais o Deus que se revela através de sua Palavra e de nossa própria experiência. Essa jornada de fé nos conduz rumo à libertação, à redenção e a um relacionamento íntimo com o Deus que é e que será.

Referências bibliográficas

- BARROS, Paulo Freitas. Um Senhorio originado pela palavra do Senhor: Estudo exegetico do salmo 110. Mestrado em teologia bíblica pela PUC, São Paulo, 2014.
- GUSSO, Antônio Renato. Gramática instrumental do hebraico. São Paulo: Vida Nova, 2005.
- HADDAD, Rabino Philippe. אביו – Pai Nosso, uma leitura judaica da oração de Jesus. São Paulo: edições Fons Sapientiae, 2017.
- KITTEL et alii. Grande Lessico del' Nuovo Testamento. vol. V. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- LATOURELLE, René, S.J. Teologia da revelação. São Paulo: Paulinas, 1972.
- LÓPEZ, Félix Garcia. O Pentateuco. São Paulo: Paulinas, 2009.
- METTINGER, Tryggve N.D. O significado e a mensagem dos nomes de Deus na Bíblia. Santo André: Academia Cristã, 2008.
- ROMER, Thomas. A origem de Javé: O Deus de Israel e seu nome. São Paulo: Paulus, 2014.
- ROSEL, Martin. Adonaj: warum Gott "Her" genannt wird, Tübingen, Mohr Siebeck, 2000.
- SCHERMAN, Rabbi Nosson. The Chumash: ArtScroll Series. New York: Mesorah Publications, ltda, 2012. traduzido por Luciano José Dias.
- VAN GRONINGEN, Gerard. Criação e consumação. vol. 1, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.
- WALTKE. Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- ZENGER, Erich. O Deus da bíblia: estudo sobre os inícios da fé em Deus no Antigo Testamento. São Paulo: Paulinas, 1989.